

Rubem  
Braga

# Crônica de Natal, cem por cento

— “QUANDO ouço falar em cultura, puxo o revólver” — disse uma vez um ministro de Hitler.

Lembrei-me disso quando o diretor da revista me telefonou :

— “Tive uma idéia.”

Quando um diretor de revista tem uma idéia é porque alguma coisa de muito desagradável vai acontecer. Não é o caso de puxar o revólver, mas de coçar a cabeça. Resmunguei :

— “Ahm...”

Ele deve ter ficado contente com a minha manifestação de entusiasmo.

— “Uma idéia ótima !”

— “Uhm...”

— “Você vai gostar !”

— “Ahm...”

— “É o seguinte: vocês todos, os cronistas de MANCHETE, vão escrever sobre o mesmo tema. Cada um vai recordar um Natal de sua vida...”

— “Ah...”

— “O que é que você acha ?”

— “É...”

Quer dizer: concordei covardemente, porque sempre me sinto um tanto acovardado diante dos diretores de revista — ou de qualquer outra coisa. E eu que me preparava tranqüilamente para escrever alguma coisa sobre minhas mulheres, meus passarinhos minha praia — aqui estou coçando a cabeça diante de um grande tema : o Natal.

Eu devia ter dito :

— “Natal é um negócio de família; eu ando meio por fora disso...”

E seria verdade. Creio, aliás, que resmunguei alguma coisa no gênero, mas o diretor observou sêcamente:

— “Os outros três já concordaram.”

A esta hora o Pongetti, o Fernando Sabino e o Paulinho estão em casa contando recordações de Natal, os biltres. Os covardes. Se, quando um

diretor de revista tivesse a petulância de declarar que tinha uma idéia, todos os trabalhadores caíssem em cima dêle e o malhassem a pauladas — o mundo seria mais livre, a vida teria mais graça.

Mas são todos uns covardes. A esta hora está cada um lá debulhando sua máquina — menos o Pongetti, que escreve a lápis — debulhando sua máquina e suas recordações, a escrever sobre o Natal. Covardes. Eles e eu.

Naturalmente a revista vai estar caindo de anúncios coloridos, pois o Natal hoje é menos uma festa de família e um suave dia de bondade e de sonho que uma *promotion* do comércio e da publicidade. Todos se enchem da erva à custa do Menininho; empanturram-se com a palha e alfafa da estrebaria, comem até o boi e o burrinho, e só não assam o Menininho no espêto porque precisam dêle no ano que vem. Ah, burguesia, o que fizeste do Natal !

Bem, mas isso são pensamentos íntimos, que não é bem levar até o público. O Corção é que costuma dizer coisas amargas assim, e criou fama de homem azêdo e ruim; eu sou um cronista semi-mundano, escrevo para môças, tenho de ser pelo menos amável. Natal, Natal ! Que linda noite ! Dê uma lembrança inesquecível a um ser querido, um fino presente espiritual — a Caixinha de Natal da “Editôra do Autor”, contendo as maravilhas da poesia e da crônica modernas do Brasil, os livros “Antologia Poética”, de Venícius de Moraes, “O Homem Nu”, de Fernando Sabino, “O cego de Ipanema”, de Paulo Mendes Campos e “Ai de ti, Copacabana !”, de Rubem Braga. Todos juntos, com direito à caixinha, custam apenas 1200 cruzeiros. É pouco; hoje em dia, é pouco. Mas se você achar que é muito, dê apenas o último livro...

Natal, Natal ! Os sinos de Natal ! Estou visivelmente comovido, e a emoção me embarga a crônica. Adeus. Feliz Natal